

'AN EPISODE IN THE LIFE OF DON SEBASTIAN OF PORTUGAL':
A FORTUNA DE UMA PERSONAGEM MÍTICA NA ENCRUZILHADA
DE DUAS TRADIÇÕES LITERÁRIAS

João Paulo Ascenso Pereira da Silva

A figura de D. Sebastião na Literatura Inglesa foi já alvo de um estudo sistemático na antologia de ensaios *D. Sebastião na Literatura Inglesa* (1985)¹, coordenada por Maria Leonor Machado de Sousa. Encontra-se analisada nesse volume a generalidade dos textos literários que versaram esta temática, nas letras inglesas, desde o século XVI até ao século XX. Para além de constituir um estudo exaustivo da personagem, este trabalho permite a compreensão dos múltiplos significados de que se revestiu, ao longo das várias fases das Letras e da História daquele país, desvelando os motivos subjacentes à sua abordagem na Grã-Bretanha e possibilitando paralelamente uma análise da fortuna literária desta figura mítica.

A redescoberta do periódico inglês *The Lusitanian*², publicado mensalmente no Porto, no século passado, de Outubro de 1844 a Junho de 1845, e o seu respectivo exame, inicialmente empreendido de modo fragmentário e mais recentemente de um modo sistemático e global na dissertação de doutoramento de nossa autoria, *Temas, Mitos e Imagens de Portugal, numa Revista Inglesa do Porto: 'The Lusitanian' (1844-1845)*³, traria a lume a existência de um texto ainda desconhecido, versando a mesma temática e tomando como herói aquela personagem histórica. A narrativa em causa, o conto "An Episode in the Life of Don

¹ Lisboa, ICLP, Ministério da Educação, 1985.

² Porto, Tipografia da Revista, Oct. 1844-June 1845.

³ Dissertação de Doutoramento inédita, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1998.

Sebastian of Portugal”⁴, cuja autoria terá supostamente pertencido a William Henry Giles Kingston (que a assina com a inicial C.), data do período que em Portugal corresponde ao nosso primeiro Romantismo e nas letras inglesas ao *Early Victorian Period*.

Contudo, antes mesmo de procedermos à análise desta narrativa ficcional, importa compreender de que modo o tratamento daquela figura histórica num conto se enquadrava nos objectivos traçados pelos editores para a revista *The Lusitanian*, isto é, será fundamental entender o contexto mais generalizado em que se insere a publicação do texto literário, cuja análise nos propomos efectuar, bem como os propósitos que intentaram alcançar através do lançamento da revista.

O periódico supracitado, publicação mensal editada e redigida por ingleses residentes no Porto, foi, na prática, concebida como uma espécie de intermediário cultural, isto é, um veículo de divulgação da cultura portuguesa junto dos membros da comunidade britânica daquela cidade. Os editores não pretenderam, contudo, circunscrever o seu público aos cidadãos ingleses, desejando torná-la acessível à camada culta da população portuense, transformando-a num meio de aproximação entre ambas as comunidades e exortando-as a uma colaboração conjunta num projecto de natureza intercultural.

Entre os objectivos delineados pelos editores para este periódico destacaremos, pela sua efectiva relevância, o alargamento do interesse pela literatura e cultura portuguesas, a divulgação de alguns dos nossos mitos nacionais e de episódios da História de Portugal, mas principalmente a apreciação de facetas curiosas, mas pouco conhecidas, do nosso quotidiano e a descrição dos recantos mais sublimes da paisagem das regiões Centro e Norte do nosso país.

Será contudo curioso registar que a concretização do seu projecto de divulgação de Portugal viria, de algum modo, contrariar os padrões a que “tradicionalmente obedeciam” as obras de vulgarização, onde prevaleciam os ensaios e os textos doutrinários. Em *The Lusitanian* a descrição efectuada do quotidiano português e de múltiplos aspectos da nossa cultura será, por oposição, predominantemente realizada por via literária, designadamente:

— por intermédio de trabalhos literários originais, em língua inglesa, que tinham por tema (ou referiam) episódios ou personagens da nossa História;

⁴ *Op. cit.*, n.º 3, Jan. 1845, pp. 33-47.

— a propósito ou à margem de textos poéticos portugueses, traduzidos para inglês (nomeadamente alguns trechos de *Os Lusíadas*);

— e, finalmente, em relatos de viagem de recorte literário, onde se efectuava uma apreciação extremamente subjectiva da realidade portuguesa ou se alude esporadicamente a episódios históricos e às mais variadas facetas do nosso folclore.

Por outro lado, partindo do pressuposto de que a revista é produto da influência conjunta do periodismo britânico e da nossa imprensa literária oitocentista, fomos levados a considerar que *The Lusitanian* poderá ser classificado como publicação autenticamente “anglo-portuguesa”. Assim, não obstante se encontrar mais próxima dos modelos jornalísticos britânicos, ela é portuguesa a nível da escolha dos temas, dos motivos e dos conteúdos em geral.

Tratava-se obviamente de uma publicação anónima, de acordo com a tradição corrente na época na Grã-Bretanha, já que o modelo periodístico adoptado pelos editores da revista é o inglês. Como se sabe, a convenção do anonimato constituía uma regra essencial da política editorial adoptada pela maioria das publicações britânicas do século passado, através da qual se negava aos autores a possibilidade de identificarem os seus próprios textos, limitando-os, na melhor das hipóteses, ao recurso a pseudónimos e iniciais.

Tal regra, imposta desde o primeiro número e apenas esporadicamente desrespeitada por alguns articulistas, tem vindo, até aos nossos dias, a impedir a completa identificação de todos os seus redactores e colaboradores. Sabemos, porém, que os seus principais (e talvez únicos) mentores foram William Henry Giles Kingston (1814-1880) e William Richard Harris (1793?-?)⁵,

⁵ De acordo com os dados obtidos no curso da investigação realizada em arquivos portuenses, constatámos existirem, em 1844/1845, contemporaneamente, dois indivíduos com este mesmo nome, respectivamente pai e filho. Dada a ausência de qualquer esboço biográfico deste autor e tendo em conta a escassez de dados sobre o mesmo, não nos foi possível determinar qual dos dois, W. R. Harris Sr. ou Jr., terá sido efectivamente colaborador da revista *The Lusitanian* e autor do poema épico *Napoleon, An Epic Poem in Twelve Cantos*, London, Longman, Brown, Green and Longmans, 1845. Sabemos, contudo, que a primeira destas duas figuras terá nascido no ano de 1793 (de acordo com outras fontes, em 1791), habitava na cidade do Porto, na Rua do Sol, n.º 96, e era comerciante. O seu homónimo e filho nasceu igualmente no Porto, no ano de 1813, residindo, em 1845, na Rua do Sol, n.º 95, e ocupava precisamente as mesmas funções, eventualmente na firma Quarles Harris & Co..

membros de influentes famílias de produtores e comerciantes de Vinho do Porto. É igualmente tido como provável que uma outra personalidade britânica (mas de origem irlandesa), residente naquela cidade, John Thomas Quillinan⁶, irmão do poeta romântico Edward Quillinan (1791-1851), tenha colaborado activamente no projecto, pelo menos no campo editorial. Desconhecemos, porém, qualquer texto de sua autoria.

Não pretendemos efectuar neste artigo uma descrição pormenorizada da revista e muito menos uma referência mais detalhada às biografias dos seus colaboradores e responsáveis editoriais. Importa, contudo, destacar que uma das características mais interessantes desta publicação é a hibridez. Queremos com isto dizer que ela apresenta traços que nos remetem, em simultâneo, para os modelos então correntes em Portugal e na Grã-Bretanha, no domínio do periodismo literário. Os seus editores produziram aquilo que, a vários níveis, — nomeadamente dos conteúdos, do aspecto material e até do número de páginas —, se aproxima do chamado *monthly magazine*, assim definido por Naomi Jacobs:

“The monthly magazines that provided entertainment and instruction for middle and upper-class Victorians were miscellaneous including fiction, poetry, and articles, on subjects such as travel, current affairs, biography and science, with the proportion of fiction increasing as the century aged. Individually they had relatively small circulations, rarely more than 15,000, but as a group, they would eventually claim some 450,000 subscribers and a literary and cultural influence disproportionate to their share of the reading market. At their height monthly magazines published the best writing of the era: the fiction of Dickens, Thackeray, Trollope, Eliot, Gaskell, Collins, Hardy, and Henry James. The poetry of Tennyson, the Brownings, Meredith and Swinburne; and the essays of Arnold, Ruskin, Symonds, Leslie Stephen, and Pater.”⁷

Todavia, o objectivo da revista era falar de Portugal e, nessa medida, os próprios temas escolhidos foram, em muitos casos,

⁶ Os escassos dados biográficos que possuímos para esta personalidade são inconclusivos e pouco creíveis, pelo que nos eximimos de os indicar.

⁷ “Periodicals: Monthly Magazines”, in Sally Mitchell; Michael Herr (eds.), *Victorian Britain an Encyclopaedia*, Chicago and London, St. James Press, 1988, pp. 590-591.

inspirados na nossa literatura romântica, tendo sido então versados por inúmeros autores portugueses, glosados em prosa e em verso e frequentemente tratados nas páginas das revistas literárias nacionais.

Na verdade, o aspecto que mais surpreende na revista é a variedade de temas nela abordados, tendo em consideração o seu curto período de existência (cerca de 9 meses). Mas não menos surpreendente é o facto de este periódico ter vindo a abordar a globalidade das temáticas habitualmente integradas no âmbito "anglo-português". *The Lusitanian* reúne, pela primeira vez na história da Literatura Inglesa e numa só publicação, toda a série de temas portugueses que, desde os séculos XVI e XVII, nalgumas épocas de forma esporádica, noutras de modo sistemático, despertou atenções e esforços de poetas, literatos e intelectuais britânicos.

Os velhos mitos nacionais portugueses, cuja divulgação em Inglaterra havia, ao longo de séculos, contribuído para a sedimentação no imaginário britânico de uma determinada visão de Portugal, são aqui retomados enquanto temas literários. Entre outros destacaremos naturalmente D. Sebastião, Inês de Castro e Luís de Camões. A par destes surgem agora outros, cuja presença é determinada pela própria evolução histórica da nação portuguesa e das relações luso-britânicas. Neste âmbito, o caso paradigmático parece-nos ser o do rei D. Pedro IV, objecto de várias composições poéticas de natureza elegíaca ou encomiástica.

Igualmente a considerar, no contexto de uma apreciação geral dos temas abordados no periódico, são vários momentos da História de Portugal, que, pelo seu carácter determinante na evolução da nossa sociedade e, noutros casos, pelo papel fundamental que a Grã-Bretanha neles desempenhou, não poderiam deixar de atrair este núcleo de literatos ingleses do Porto. Citaremos, a título de exemplo, por um lado, o reinado de D. João III, o estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal e a consequente perseguição movida aos cristãos-novos e, a outro nível, episódios históricos cronologicamente mais recentes, como a Guerra Peninsular, as lutas liberais e a instauração definitiva do liberalismo em 1834.

Importa ainda destacar que os dados até aqui sumariamente apresentados parecem, em maior ou menor grau, sugerir ter-se verificado uma forte influência do nosso Romantismo entre os colaboradores de *The Lusitanian*, patenteada, sobretudo, na abordagem de alguns dos seus modelos literários. Este fenómeno de assimilação, fortemente favorecido pela leitura da imprensa

periódica portuguesa do tempo, faz-se sobretudo sentir no tratamento de determinadas figuras históricas portuguesas, que faziam parte integrante dos nossos mitos de decadência e regeneração — uma das maiores obsessões da nossa intelectualidade romântica —, reflectindo uma eventual adopção da concepção herculaniana da História de Portugal. Recorremos neste caso a um conceito apresentado e desenvolvido quer por Álvaro Manuel Machado, em *Les Romantismes au Portugal, Modèles Étrangers et Orientations Nationales*⁸, quer por Fernando Catroga, em *História da História em Portugal, Séculos XIX e XX*⁹, mas que nos ajudou, de algum modo, a compreender o caso específico da sua abordagem em *The Lusitanian* e a razão para a sua ocorrência nesta revista inglesa. É ao ponto de vista deste último autor que recorreremos no intuito de confirmar tal hipótese:

“Quanto às causas dessa decadência, convém pormenorizá-las. Na interpretação herculaniana, parece óbvio que estas derivam da correlação de um conjunto de factores — políticos, culturais, económicos, morais —, mas em que dominavam as acusações contra o centralismo absolutista, o papel negativo da Inquisição, a interferência papal através das ordens religiosas (com particular destaque para os Jesuítas) e os efeitos moralmente dissolventes e economicamente negativos dos Descobrimientos e das conquistas. E a historiografia posterior quase se limitou a acrescentar outros aspectos (exemplo: a crescente influência inglesa) a esta interpretação. Mas, de entre todas, uma análise comparativa das várias posições mostra que a principal responsabilização recaiu sobre o absolutismo e os seus aliados (o Papado, a Inquisição, o jesuitismo), acusados de terem destruído as antigas liberdades medievais e causado o “desvio” do percurso que a sociedade portuguesa devia ter percorrido para, espontânea e naturalmente, objectivar a sua índole. [...]

Simultaneamente, não se deixava de sugerir que esse longo definhamento de três séculos estaria a ser ultra-

⁸ Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986.

⁹ “7. Decadência e Regeneração Nacional: Os Dois Ciclos da História de Portugal”, in Luís Reis Torgal, José Amado Mendes, Fernando Catroga, *op. cit.*, Lisboa, Temas e Debates, 1998, Vol. I, Cap. II (“Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico”), pp. 93-98.

passado, finalmente, devido às possibilidades regeneradoras do liberalismo.”¹⁰

Esta dicotomia constituiu, sem dúvida, uma das preocupações centrais do nosso Romantismo e afinal de toda a sociedade portuguesa oitocentista¹¹, que aos mais variados níveis — cultural, social, político e económico —, procurava desesperadamente romper com séculos de decadência, repressão e obscurantismo e reconquistar o brilho, a opulência e a influência perdidas nos finais de Quinhentos e jamais recuperadas nos séculos seguintes, na ausência de líderes carismáticos e visionários que resgatassem a nação do estado de letargia e abatimento moral em que havia mergulhado.

Essas personagens míticas, que se inscrevem totalmente nessa dicotomia decadência-regeneração (encarnando quer um, quer outro destes princípios) recebem nas páginas de *The Lusitanian* um tratamento análogo àquele de que eram objecto em Portugal, nesse mesmo período. São elas o poeta Luís de Camões (tal como foi representado e entendido pelo Romantismo), personagens messiânicas como D. Sebastião, o Marquês de Pombal (a que se alude apenas muito brevemente numa das recensões publicadas no periódico) e D. Pedro IV. A este conjunto de figuras míticas haverá finalmente a acrescentar a personagem tipo do judeu-português, alvo da sanha persecutória do Santo Ofício.

Todas elas são, na verdade, figuras-chave, essenciais para uma correcta compreensão dos destinos de Portugal e da sua evolução histórica até à Época Contemporânea e que aparecem, assás curiosamente, agrupadas num conjunto e numa sequência à qual parece, até certo ponto, subjazer uma determinada lógica. Elas terão encarnado, nuns casos, a esperança na vinda de uma nova era de prosperidade, em tudo semelhante à mítica Idade de Ouro do Portugal Medieval e Renascentista, e, noutros ainda, a própria fase de degenerescência que se lhe seguiu e da qual o país só muito recentemente parecia querer despertar.

¹⁰ *Ibidem*, Vol. I, Cap. II, pp. 94-95.

¹¹ No mesmo texto e numa passagem subsequente à supracitada (*ibidem*, p. 95), Fernando Catroga acrescenta que a decadência de Portugal e, de um modo geral, dos povos peninsulares, se viria a transformar numa das maiores preocupações intelectuais das gerações finisseculares (nomeadamente em Antero de Quental, Teófilo Braga e Oliveira Martins). Consulte-se a este mesmo propósito o trabalho de Maria Teresa Pinto Coelho, *Apocalipse e Regeneração, O Ultimatum e a mitologia da Pátria na literatura finissecular*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996.

Procurámos, deste modo, buscar provas da influência exercida pelos modelos românticos portugueses em *The Lusitanian* e implicitamente do cunho eminentemente híbrido e dual desta publicação, verdadeira encruzilhada de influências culturais, literárias e estéticas bem distintas, que concorrem para lhe conferir um carácter poliédrico e multiforme. Pretendemos, de igual modo, perceber de que modo a publicação de uma narrativa ficcional sobre D. Sebastião, nas páginas da revista, se enquadrava nos objectivos traçados à partida pelos editores para o periódico. Começaremos, contudo, por aludir, ainda que sumariamente àquele que supomos ter sido o seu provável autor — William Henry Giles Kingston — e à sua carreira literária.

Embora o conto “An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal” surja publicado anonimamente nas páginas de *The Lusitanian* e enigmáticamente identificado com a inicial C., é sabido que a generalidade dos estudiosos, que até hoje se têm vindo a debruçar sobre a obra deste autor e mais precisamente sobre os textos identificados na revista com aquela sigla, são unânimes em considerar tratar-se de um dos numerosos disfarces literários usados por aquele escritor, ao longo da curta existência daquele periódico.

A primeira tentativa de descodificação desta inicial ocorre na tese de Miguel Nuno Alarcão e Silva, *Edward Quillinan e Portugal*¹², onde surge identificada com W. H. G. Kingston, sem que para tal se ofereça, porém, uma justificação cabal. Maria da Conceição Emiliano, que, por seu turno, produziu uma dissertação de Mestrado acerca de uma das narrativas de viagem sobre Portugal publicadas por Kingston — *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*¹³ — apenas alude no seu trabalho, intitulado *William Henry Giles Kingston, Percursos Lusitanos*¹⁴, aos excertos desta obra previamente editados em *The Lusitanian* e identificados com a inscrição “By the Author of the Prime Minister”. Esta autora não efectua, contudo, qualquer referência aos textos assinados na revista com a inicial C., cuja autoria pertencerá, muito provavelmente, àquele mesmo escritor.

Precisamente por acreditarmos nesta última hipótese, procurámos recentemente, na dissertação de Doutoramento supraci-

¹² Dissertação de Mestrado inédita, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, 1986, Cap. III, pp. 119-121.

¹³ 2 vols., London, John W. Parker, 1845.

¹⁴ Dissertação de Mestrado inédita, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1988, Cap. II, p. 29; Cap. IV, p. 143, 150; Cap. V, p. 271.

tada ¹⁵, encontrar uma justificação lógica para tal identificação. À partida, os únicos textos que sabíamos terem sido, sem qualquer dúvida, redigidos pelo próprio Kingston eram as versões resumidas de dois capítulos do relato de viagem *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, publicados, respectivamente, nos números 4 e 5 da revista *The Lusitanian* ¹⁶.

Para além dos extractos desta narrativa importa, todavia, assinalar a publicação por C. (nas páginas deste mesmo periódico) da série de artigos “Scenes and Sketches in Portugal”. Este conjunto de relatos de viagem (respectivamente editados nos números 1, 2, 3, e 6 de *The Lusitanian* ¹⁷) foi submetido a um confronto com alguns trechos da narrativa de Kingston, *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, publicada em Londres, em Setembro de 1845 ¹⁸.

Apercebemo-nos, de imediato, das enormes semelhanças existentes entre ambos os trabalhos, quer do ponto de vista estilístico, quer lexical, mas ainda e sobretudo ao nível das estruturas internas daquelas narrativas. Os próprios títulos — “Scenes and Sketches in Portugal” e *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, denotam inegáveis semelhanças. Um e outro remetem-nos implicitamente para o campo da representação pictórica ou gráfica, que surgiria em complemento ao texto das narrativas de viagem, objectivo, que, como se sabe, apenas se concretizaria em *Lusitanian Sketches*.

Mas a verdadeira prova de que Kingston poderá efectivamente ter sido o autor de ambas as narrativas reside mais precisamente na transcrição extensiva de passagens do relato de viagem “Scenes and Sketches in Portugal” (v. *The Lusitanian*) em *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, evidenciada sobretudo na descrição da cidade de Viseu ¹⁹. Tudo leva a crer que Kingston tenha realizado diversas viagens (pelo menos duas) em datas diferentes, seguindo em parte um itinerário semelhante, nomeadamente nos casos supracitados dos percursos pelo Minho e pela Beira, facto que lhe permitiu utilizar notas e apontamentos colhidos na primeira viagem (à qual corresponderia o relato de *The Lusitanian*) na elaboração da narrativa *Lusitanian Sketches*.

¹⁵ *Op. cit.*, Cap. IV, Secção 4.2., pp. 246-252.

¹⁶ *Ibidem*, Cap. IV, pp. 246-252.

¹⁷ *Op. cit.*, n.º 1, pp. 21-28; n.º 2, pp. 65-67; n.º 3, pp. 3-10; n.º 6, pp. 265-271.

¹⁸ *Op. cit.*, Vol. I, Sketches VI, VII, VIII, IX, X, XI, pp. 96-220; Vol. II, Sketches XVIII e XIX (pp. 1-44), XXIII e XXIV.

¹⁹ *Ibidem*, Vol. II, Sketch XXII, pp. 120-121, 122-123, 124-125, 126, 127, 129-130.

a devida atenção por parte dos críticos — a sua vasta obra lusófila, largamente representada em *The Lusitanian*, e que abrange os géneros mais variados, incluindo o relato de viagem, a ficção histórica, o ensaio, versões inglesas de narrativas populares portuguesas, ou, até mesmo, simples artigos jornalísticos de pendor eminentemente divulgatório, editados nalguns dos mais influentes periódicos literários vitorianos. Entre as obras publicadas por Kingston, exclusiva ou parcialmente dedicadas a Portugal, à sua História e cultura, contam-se: *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil* (1845)²³, *The Prime Minister* (1845)²⁴, *My Travels in Many Lands* (1862)²⁵, *Tales for Old and Young of All Classes, by Many Authors* (1862)²⁶, *Great African Travellers from Mungo Park to Livingstone and Stanley* (1874)²⁷ e *Notable Voyages from Columbus to Parry* (1880)²⁸.

Antes mesmo de descermos a uma análise detalhada do conto “An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal” importará, contudo, entender por que meio se virá a registar uma tão evidente influência do Ultra-Romantismo português e dos seus mitos, nomeadamente D. Sebastião (aquele que é tratado no texto que nos propomos analisar) entre os colaboradores de *The Lusitanian* e sobretudo em William Henry G. Kingston.

É sabido que o periódico em causa constituiu algo mais do que um simples repositório de narrativas de viagem e descrições paisagísticas, de esboços da História de Portugal ou de aspectos mais ou menos pitorescos do país visitado ou, finalmente, de uma antologia de traduções de textos literários portugueses. Embora começando por se constituir como intermediário cultural, enquanto meio de divulgação da nossa cultura a cidadãos britânicos residentes no nosso país, os seus responsáveis e colaboradores acabariam por se deixar contaminar por aspectos muito diversos da realidade cultural e civilizacional descrita, processo de aculturação que de algum modo se reflectirá no produto final que é o *corpus* textual de *The Lusitanian*.

Sabemos, aliás, por via do aturado estudo que dele efectuámos, que o periódico em análise constituiu, em termos de elaboração e concepção e até mesmo dos objectivos para ele delineados pelos seus mentores, algo de muito mais complexo e ambi-

²³ V. *supra*, nota 13.

²⁴ 3 vols., London, Richard Bentley, 1845.

²⁵ London, William Kent & Co., 1862.

²⁶ London, William Kent & Co., 1862.

²⁷ London and New York, G. Routledge, 1874.

²⁸ London and New York, G. Routledge & Sons, 1880.

cioso do que um simples órgão de divulgação. Tal como já foi sugerido anteriormente, poderemos eventualmente considerar estarmos realmente perante uma publicação de perfil editorial e concepção geral muito semelhantes aos da maioria dos periódicos britânicos contemporâneos (tendência que se reflecte na própria orientação estética subjacente à maior parte dos textos, sem dúvida tipicamente inglesa), mas que, ao nível dos conteúdos e nomeadamente em termos da escolha dos temas, dos mitos e das personagens históricas retratadas (e sobretudo no tratamento literário por estas recebido) denuncia uma forte influência do Romantismo português — com eventual destaque para a corrente ultra-romântica portuense, então na sua fase inicial e com a qual os colaboradores da revista poderiam facilmente ter contactado. *The Lusitanian* acaba, deste modo, por assumir paradoxalmente um carácter híbrido, fruto da confluência de duas tradições literárias distintas — a inglesa e a portuguesa — de um complexo jogo de influências literárias, estéticas, culturais e ideológicas, só possível tendo em conta o quadro específico e muito complexo em que ocorre a sua génese e o seu desenvolvimento posterior.

Para chegarmos a uma confirmação deste ponto de vista teremos, no entanto, de dar uma resposta cabal a três questões fundamentais, que qualquer observador atento se poderá logicamente colocar ao reflectir sobre os dados que viemos até aqui a apresentar:

a) Através de que meios se terá vindo a processar essa forte influência da literatura romântica portuguesa entre os colaboradores de *The Lusitanian*?

b) Que factores terão especificamente concorrido para originar tal fenómeno?

c) Quais serão especificamente os temas e os assuntos cuja abordagem em *The Lusitanian* reflecte inequivocamente uma colagem ao tratamento que recebiam contemporaneamente em textos literários portugueses ou resultam de uma imitação deliberada de determinado autor, do seu estilo, ou de uma qualquer tendência então corrente nas nossas letras?

Sabemos, em primeiro lugar, que os editores de *The Lusitanian* recebiam determinado número de publicações periódicas nacionais. Estas eram, de um modo geral, referenciadas na secção “Editor’s Table”, onde se anunciavam, entre outros factos, os

lançamentos mais recentes no mercado jornalístico e livreiro português. Nela ocorrem referências a periódicos tão importantes quanto *O Trovador*, *Anais Marítimos e Coloniais*, *Ilustração*, *O Panorama*, *Revista Literária*, *Revista Académica* e *Revista Universal Lisbonense*²⁹, sem dúvida alguns dos títulos mais sonantes da imprensa literária e cultural de Oitocentos; aqueles que, no dizer de Álvaro Manuel Machado, constituíram os mais importantes meios de difusão dos modelos e das ideias românticas em Portugal, aos quais imprimiram uma clara orientação nacional, aplicando-os à análise da realidade portuguesa e dos grandes mitos nacionais, sobretudo os de decadência e regeneração³⁰.

A este mesmo propósito importa ainda recordar que William Henry Giles Kingston alude, em *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*³¹, à situação geral da imprensa portuense em 1845 e a algumas das publicações periódicas mais influentes e interessantes daquela cidade, tecendo um breve juízo crítico ou meras considerações gerais sobre as mesmas, facto que demonstra um relativo conhecimento de cada uma delas. Afigura-se-nos, aliás, pouco plausível que figuras destacadas nos meios sociais portuenses e no seio da comunidade britânica, pertencentes a abastadas famílias de comerciantes, de há muito fixadas naquela cidade e tendo residido longos períodos em Portugal, não conhecessem e lessem a imprensa portuguesa.

Mas, se os periódicos constituíram, muito provavelmente, uma das fontes mais amplamente consultadas pelos nossos autores, importa recordar que outro importante meio de contacto com as nossas letras e, de um modo geral, com a realidade portuguesa foi, sem dúvida, a descoberta de textos literários portugueses³² e a sua leitura, que, em boa parte, se ficariam a dever ao esforço de investigação efectuado por alguns colaboradores em bibliotecas públicas e privadas da cidade do Porto. Sabemos até que William Kingston frequentava regularmente a Biblioteca Pública do Porto, hábito a que alude em *Lusitanian*

²⁹ V. João Paulo Ascenso Pereira da Silva, *op. cit.*, Cap. III, Secção 3.3., p. 153.

³⁰ V. *op. cit.*, Paris, 1986, Cap. III, p. 137.

³¹ *Op. cit.*, Vol. I, Sketch XVI, p. 313.

³² Se Camões foi, entre os clássicos portugueses, aquele que recolheu entre os três colaboradores identificados do periódico, — W.R. Harris, Edward Quillinan e W.H.G. Kingston —, um unânime favoritismo, entre os autores contemporâneos as atenções dos nossos ingleses parecem ter sobretudo convergido para os primeiros românticos portugueses, com particular destaque para Alexandre Herculano.

*Sketches of the Pen and Pencil*³³ e no prefácio ao romance *The Prime Minister*³⁴. Em ambos os textos o nosso autor tece profusos elogios aos funcionários da referida instituição, a quem agradece os favores prestados e todo o auxílio que lhe havia sido concedido. É igualmente plausível que Kingston tenha recorrido à biblioteca da Feitoria Inglesa, que continha secções de História e Literatura de Viagens sobre Portugal e um determinado número de traduções de textos literários portugueses, realizadas por outros autores britânicos.

Outra eventual fonte para o conhecimento das nossas letras terá sido, muito possivelmente, a frequência dos teatros públicos, bem como das numerosas representações dramáticas realizadas a título privado em determinados meios da classe dominante, que poderiam, com alguma probabilidade, ter sido frequentadas pelos nossos autores. Atente-se, a tal propósito, no testemunho que Kingston nos legou, em *Lusitanian Sketches*, acerca de tais matérias:

“When there is no opera, Portuguese and Spanish plays are performed on the stage of the theatre of St. João. The first are chiefly translations from the French. There are few even tolerable actors among them: the women are the worst, for it is not considered a very creditable profession. [...] The Spanish actors who have appeared at Oporto were very superior in every respect, and always drew large audiences.

There are two minor theatres at Oporto. The Portuguese are passionately fond of private playacting, and for amateurs are admirable performers. There are numerous small private theatres in the city, and one of the largest companies has hired a theatre, and another acts frequently in that of St. João. The female parts are, however, on these public occasions taken by men, which of course spoils any tragic piece. A few years ago the English possessed a very elegant private theatre, where plays were acted by the young English residents, once a fortnight, to audiences amounting to seldom less than three hundred persons; all of whom understood the language of the performers.³⁵

³³ *Op. cit.*, Sketch XVI, p. 314.

³⁴ “Preface”, *op. cit.*, pp. V-VII.

³⁵ Vol. I, Sketch XVI, pp. 311-312.

A par dos factores anteriormente apontados será forçoso acrescentar uma referência à hipotética frequência de determinados círculos sociais elegantes, nomeadamente o eventual acesso aos salões literários portuenses e, finalmente, o possível convívio com figuras ligadas aos meios literários ultra-românticos daquela cidade.

Os dados que temos vindo a apresentar parecem-nos constituir justificação cabal para a hipótese anteriormente colocada, — de uma eventual influência exercida pelo nosso Romantismo junto dos colaboradores do periódico, que se traduziria, nomeadamente, na recepção de alguns dos seus grandes temas, mas, sobretudo, na sua abordagem em moldes muito semelhantes àqueles que então se haviam tornado correntes entre os poetas portugueses.

Deste modo, não nos deve causar qualquer tipo de admiração que em *The Lusitanian* sejam tratadas as três grandes figuras históricas que tradicionalmente fascinaram e despertaram o maior interesse entre os homens de letras britânicos e europeus, elevando-se à categoria de mitos literários — D. Sebastião, Camões e Inês de Castro. É bem sabido que todos eles granjearam um manifesto favoritismo entre os românticos ingleses e também entre os seus congéneres continentais.

No que respeita a representação e abordagem das duas últimas personagens, pouco haverá de invulgar ou inovador a apontar. Assim, tanto a apresentação do perfil biográfico de Camões como a apresentação crítica do mito de Inês de Castro nos parecem estar em perfeita consonância com os cânones estéticos do Romantismo e em total acordo com a tradição inglesa, no que se refere ao tratamento de ambas as figuras. Porém, no caso específico de D. Sebastião, somos colocados perante uma situação algo mais complexa. Assim, muito embora a análise do conto "An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal" e o seu confronto com trabalhos literários anteriores e contemporâneos, que versaram tal temática, tanto em Portugal como na Grã-Bretanha, nos tivessem, numa primeira análise, levado a crer que as fontes e os modelos escolhidos pelo seu autor seriam essencialmente ingleses, fomos, neste caso, forçados a reconsiderar tal hipótese e obrigados a tomar em consideração outros factores igualmente determinantes, nomeadamente a revivescência do Sebastianismo em Portugal, nas décadas de 30 e 40.

De facto, a narrativa surgida em 1844, em *The Lusitanian*, acaba naturalmente por se inscrever numa tradição de aborda-

gem do tema nas letras inglesas, fazendo parte de um conjunto de textos nos quais a personagem central — D. Sebastião — sobrevive após a batalha de Alcácer-Quibir³⁶. Esta série de trabalhos literários, que abarca os géneros mais diversos, teve início ainda em pleno século XVII (no período Carolino), com o drama de Philip Massinger, *Believe as You List* (1631)³⁷, e prossegue, já na Época da Restauração, com a tragédia *D. Sebastian* (1690)³⁸, da autoria de John Dryden. Inspirando-se, em larga medida, num romance anónimo francês³⁹, traduzido em 1683 por Ferrand Spence⁴⁰, o dramaturgo tornar-se-ia o primeiro autor a explorar, no seu país, a história lendária da paixão de D. Sebastião pela princesa moura.

Esta tradição prolongar-se-ia no drama inglês, ao longo da Época Augustana e do Romantismo, por via de sucessivas imitações da tragédia de Dryden, de que se conhecem as peças *The Captive* (1796), de Isaac Bickerstaffe⁴¹, e *The Renegade*, de Frederick Reynolds⁴².

Durante a Época Romântica, o tema em causa conhecerá igualmente algum sucesso nos domínios da ficção e da poesia, graças aos trabalhos literários realizados por Anna Maria Porter, autora do romance histórico *Don Sebastian; or The House of Braganza* (1809)⁴³; por Felicia Hemans, que, para além de traduzir uma ode de Fernando Herrera, alusiva à temática sebástica⁴⁴, publicaria em 1822 o poema dramático original *Sebastian of*

³⁶ Vejam-se a este propósito as seguintes obras de Maria Leonor Machado de Sousa: *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa*, Lisboa, "Universidade", n.º 18, Editorial Vega, s.d. e *Mito e Criação Literária*, Lisboa, "Horizonte", n.º 46, Livros Horizonte, 1985. Consulte-se igualmente o trabalho colectivo supracitado (v. *supra*, nota 1).

³⁷ O original manuscrito só seria editado pela primeira vez no nosso século, pela Oxford University Press, The Malone Press, Great Britain, 1927.

³⁸ *Don Sebastian, King of Portugal: a tragedy, In five acts and in prose and verse*, London, printed for Jo. Hindmarsh, 1690.

³⁹ *Dom Sebastian, Roy de Portugal: nouvelle historique*, Paris, Chez Claude Barbin, 1679.

⁴⁰ *Dom Sebastian, King of Portugal, An Historical Novel, done out of French by —*, London, Printed for R. Bentley and S. Magnes, 1683.

⁴¹ *The Captive. A Comic Opera*, as it is perform'd at the Theatre-Royal in the Hay-market. Based on scenes from Dryden's *Don Sebastian*, London, W. Griffin, 1769.

⁴² *The Renegade, a grand historical drama*, in three acts and in prose. Founded on Dryden's *Don Sebastian*, London, C. Chapple, 1812.

⁴³ [...] An historical romance. In four volumes, London, Printed for Longman, Hurst, Rees and Orme, Paternoster Row, 1809.

⁴⁴ "Herrera's Ode on the defeat of King Sebastian of Portugal and his army in Africa", in *The Edinburgh Magazine and Literary Miscellany*, being a new series of the Scots Magazine, April 1822, pp. 428-429.

Portugal⁴⁵; mas igualmente por Terence Hughes, autor do poema-balada *The Ocean Flower; A Poem*, publicado em 1845.

Assim, é possível que Kingston, o suposto autor do conto "An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal", tenha consultado, lido, ou eventualmente assistido à representação de algum dos textos acima referidos, nos quais teria colhido inspiração para a elaboração da sua narrativa. Esta possui, sem dúvida, numerosos pontos de contacto com a generalidade dos textos poéticos, narrativos e dramáticos supracitados, contendo dados que nos remetem, aparentemente, para a tradição inglesa. Citemos entre outros:

- a sobrevivência do Rei após a batalha de Alcácer-Quibir;
- o salvamento do monarca pelo servo árabe Abdallah e a sua família;
- a paixão funesta de D. Sebastião por uma jovem moura (a irmã de Abdallah, Xarifa), que, ao despertar o ciúme e a sede de vingança do seu "legítimo" pretendente, terá por consequência o aniquilamento de todos os adjuvantes do monarca;
- o destino indeterminado do rei (de novo um sobrevivente solitário, rodeado de cadáveres), que partirá sem rumo definido, embrenhando-se na vastidão do deserto.

Mas o factor que mais o aproxima da tradição inglesa é a escolha deliberada, pelo autor, do período subsequente ao final da batalha como ponto de partida da acção⁴⁶. De facto, a narrativa tem o seu preciso início no momento em que o rei, saído do estado de inconsciência e choque, causado pelos ferimentos, desperta para a realidade e descobre que todos os seus companheiros haviam perecido na refrega ou sido aprisionados pelos mouros.

Tal estratégia ofereceu a Kingston a hipótese de escapar a uma estrita submissão aos factos históricos conhecidos, conquistando um espaço de liberdade que lhe permitiu efabular e engendrar um destino fictício para o monarca português⁴⁷.

⁴⁵ "Sebastian of Portugal (From an unpublished dramatic poem)", in *The Edinburgh Magazine*, May, 1822, pp. 625-632

⁴⁶ V. Maria Leonor Machado de Sousa, "Apresentação", in *D. Sebastião na Literatura Inglesa*, pp. 11-12, mas igualmente outros dois trabalhos da mesma autora, a que aludimos anteriormente (cf. *supra*, nota 74): *Mito e Criação Literária*, pp. 38-39 e *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa*, pp. 22-23.

⁴⁷ Ainda que em contextos históricos diferentes e por razões naturalmente distintas, tal estratégia fora anteriormente utilizada por outros autores ingleses,

Contudo, ao pretendermos empreender a análise deste texto, seremos obrigados a ter em conta outros factores de considerável importância, nomeadamente o sensível recrudescimento do fascínio exercido pelo mito sebastianista em Portugal, ao longo de toda a primeira metade do século passado, e as sucessivas actualizações a que esteve sujeito durante os três grandes momentos de crise atravessados pelo país nesse mesmo período — as guerras napoleónicas, as lutas liberais e a crise política dos anos 40⁴⁸.

Importa, sobretudo, lembrar que o culto do Sebastianismo foi exaustivamente explorado por ambas as facções em confronto na sociedade portuguesa, durante a Guerra Civil, com óbvios intentos políticos, até à vitória liberal de 1834, tendo os seus respectivos líderes — D. Miguel e D. Pedro — sido sistemática e deliberadamente associados à figura do rei D. Sebastião. Contudo, a situação de conflito social a que se irá quase permanentemente assistir, durante os dezassete anos seguintes, até à Regeneração, e particularmente o clima repressivo e de confrontação que acompanha a subida de Costa Cabral ao poder, na década de 40, irão mergulhar boa parte da intelectualidade romântica num novo período de profundo pessimismo, que será sistematicamente acompanhado da publicação de numerosos textos literários alusivos à temática em questão, incluindo, sobretudo, romances, folhetins e textos dramáticos, mas igualmente de artigos e trabalhos historiográficos sobre D. Sebastião e o seu reinado, alguns dos quais admitiam a hipotética sobrevivência do monarca após a batalha.

Ecos deste retorno ao mito sebastianista chegam-nos, em larga medida, através da imprensa literária e cultural do nosso Romantismo, onde boa parte desses trabalhos se encontra publicada.

Um levantamento parcial dos textos originais e traduzidos alusivos ao tema permitiu-nos descobrir que entre as obras então lançadas no nosso país se encontravam o romance *Lúis de*

que efectuaram a abordagem deste tema. Veja-se o que nos dizem, a tal propósito, Maria Teresa Pinto Coelho em "John Dryden: D. Sebastião, Herói Clássico", in *D. Sebastião na Literatura Inglesa*, pp. 161-163, e Maria de Lurdes Coelho Gomes, em "Uma Personagem Marginal: O Prior do Crato", *ibidem*, pp. 262-263.

⁴⁸ A tal fenómeno aludem, entre outros estudiosos do mito sebastianista, José Van de Besselaar, *O Sebastianismo — História Sumária*, Lisboa, "Biblioteca Breve", n.º 110, ICALP-MEC, 1987, Cap. VIII, pp. 161-185 e António Quadros, *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, 2 vols., Lisboa, Guimarães e C.^a, 1982-1983.

Sousa (1835)⁴⁹, da autoria do lusófilo francês Ferdinand Denis (do qual sairia logo no ano seguinte um capítulo na revista francófona *L'Abeille*⁵⁰), uma versão portuguesa da novela anónima francesa de 1679⁵¹, lançada em 1837 sob o título de *Novela Histórica de D. Sebastião, Rei de Portugal*⁵², e, ainda no mesmo ano, uma reedição da *Crónica de elrei D. Sebastião* de Frei Bernardo da Cruz, da responsabilidade de Alexandre Herculanano⁵³. Seguem-se, por ordem cronológica, em 1839, o romance-poema *D. Sebastião — O Encoberto*⁵⁴ de António Augusto Correia de Lacerda; a recensão crítica homónima de A. de Lacerda, surgida em 1840 no *Cosmorama Literário*⁵⁵, o texto “Manuel de Sousa Coutinho” de Paulo Midosi (1842)⁵⁶; o artigo histórico “A Batalha de Alcacer-Quivir, e a Invencível Armada” (1842), de A. de Oliveira Marreca⁵⁷, e a novela “D. Sebastião o Desejado, Lenda Nacional” de Francisco Maria Bordalo (1844)⁵⁸; igualmente em 1844 surgiria a tragédia *Frei Luís de Sousa*⁵⁹ de Almeida Garrett e, finalmente, já em 1845, a versão portuguesa do libreto do drama lírico de Donizetti, *Don Sebastiano, Re di Portogallo* (Paris, 1834)⁶⁰, da autoria de Eugène Scribe.

⁴⁹ 2 vols., Paris, Librairie de Charles Gosselin, 1835.

⁵⁰ “Une Journée du Roi D. Sébastien”, in *L'Abeille, Journal Encyclopédique*, 1ère Année, n.º 13, Samedi, 23 Juillet, Lisboa, Imprensa de C. A. S. Carvalho, 1836. É notória a semelhança deste último título com o do conto publicado por Kingston em Janeiro de 1845, em *The Lusitanian* (“An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal”). Embora seja impossível prová-lo, não deixa de constituir uma ideia aliciante a hipótese de o autor inglês ter decidido imitar ou parafrasear o título daquele fragmento do romance de Ferdinand Denis.

⁵¹ V. *supra*, nota 39. Trata-se da mesma novela que Ferrand Spence traduzira para língua inglesa, no ano de 1683.

⁵² [...], traduzida de hum antigo Author Francez por D.A.d'A.C.R.T., Lisboa, na Impressão de Alcobia, 1837.

⁵³ [...], por fr. Bernardo da Cruz, publicada por Alexandre Herculanano, e o dr. A.C. Payva, Lisboa, Impressão de Galhardo e Irmãos, 1837.

⁵⁴ Lisboa, Tip. J. S. Sampaio, 1839.

⁵⁵ *Op. cit.*, n.º 3, 1.º de Janeiro, 1840, p. 21.

⁵⁶ *O Panorama*, Vol. I, 2.ª Série, n.º 30, 23 de Julho; n.º 31, 30 de Julho; n.º 32, 6 de Agosto, 1842.

⁵⁷ *Ibidem*, Vol. I, 2.ª Série, n.º 38, 17 de Setembro; n.º 39, 24 de Setembro, 1842.

⁵⁸ A 1.ª versão saiu na *Revista Universal Lisbonense*, entre o n.º 39, 16 de Maio, 1844, Vol. III, Série IV, pp. 469-472 e o n.º 3, 8 de Agosto, 1844, Vol. IV, Série IV, pp. 29-30.

A esta seguir-se-ia, dez anos mais tarde, uma segunda versão surgida em *O Panorama*, entre o n.º 48, 2 de Dez., 1854, Vol. XI [Vol. III, 3.ª Série], pp. 380-383 e o n.º 2, 13 de Janeiro, 1855, Vol. XII [Vol. IV, 3.ª Série], pp. 2-4.

⁵⁹ Lisboa, Imprensa Nacional, 1844 (1.ª edição).

⁶⁰ *D. Sebastião Rei de Portugal*, drama lírico em 5 actos para se representar no Real Teatro de São Carlos [...], música de Donizetti, Lisboa, Tipografia do Borges, 1845. São os seguintes os dados relativos à 17.ª edição italiana: *Don*

Dois anos mais tarde voltamos a assistir ao lançamento de novos trabalhos alusivos ao tema, desta feita o drama histórico *Rei ou Impostor*, de Francisco Maria Bordalo⁶¹, e um romance anónimo intitulado *Dom Sebastião, Romance Histórico em Seis Cantos e Outras Poesias*⁶².

Como mais adiante teremos oportunidade de constatar, foi precisamente este clima de generalizado interesse pela figura do monarca então verificado em Portugal, aliado à tendência para um constante retorno ao mito sebastianista, que viria a motivar e impelir William Kingston a explorar tal assunto num texto de sua própria autoria, que segue de muito perto os moldes em que aquela figura mítica foi então tratada em obras literárias portuguesas. A confirmação deste facto reveste-se da maior importância visto constituir uma prova inequívoca da permeabilidade deste grupo de ingleses às tendências gerais da literatura portuguesa romântica, mas simultaneamente da atenção e sensibilidade por ele demonstradas a todos os fenómenos sociais e culturais então registados no nosso país.

Conquanto esteja longe de constituir um elemento imprescindível a uma correcta leitura do conto “An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal”, seria sem dúvida uma grave omissão ignorar o trecho do relato de viagem *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, da autoria do próprio Kingston, dedicado à abordagem das tradições, costumes, credences e superstições características do Norte de Portugal, que constitui, na nossa perspectiva, um claro indício do interesse e da sensibilidade reveladas por aquele autor (e, segundo cremos, pelos restantes colaboradores do periódico) em relação ao fenómeno sebastianista. Assim, nesta passagem da narrativa o autor não só alude à figura do rei D. Sebastião e ao seu trágico desfecho, mas igualmente discorre sobre o fenómeno sebastianista, cujas origens e posterior evolução são sucintamente analisadas e apresentadas aos leitores ingleses.

“I believe if we were to wander throughout the country we should find few Sebastianites remaining. Theirs is a curious creed — an odd tradition to be believed is it, that

Sebastiano, Re di Portogallo, drama in 5 atti di E. Scribe, tradotto in italiano da G. Ruffini, Posto in musica da Gaetano Donizetti, Milano, G. Ricordi & C., s.d. [1843].

⁶¹ [...] Drama original em cinco jornadas, Lisboa, Tipografia do Panorama, 1847.

⁶² [...] Por um anónimo, Porto, Tip. Comercial, 1847.

the young and gallant king Don Sebastian had escaped from the fatal field of Alcacer-Quiver, where fell the bravest and last of Portugal's chivalry, and that confined by some fell magic in an enchanted island among the unbelieving Moors, he will one day break his bonds, and return to restore his beloved country to the state of prosperity she once enjoyed. [...]

It was reported that King Sebastian would return on some morning when the sky was overcast with clouds and mists — that suddenly a bright light would appear, driving away fog and darkness, and that his heaven-directed bark would be seen gliding swiftly up the majestic Tagus, the harbinger of peace and happiness in the Kingdom! On many a misty morning have his faithful subjects flocked in crowds to the quays of Belem, at the entrance of the river, and there have watched with anxious eyes, in the full and confident expectation of his coming. Morning after morning, constant to their faith, they have waited patiently for the destined advent; no doubts rising in their minds of the ultimate realization of their hopes.”⁶³

Contudo, Kingston vai mais longe, apercebendo-se da importância que este mito adquire no contexto da Cultura Portuguesa e da evolução histórica do nosso país, bem como das suas múltiplas implicações e amplo leque de significados:

“Looking deeply into the matter this creed is not a senseless one — it is one not to be despised and ridiculed, as might be supposed on first hearing of it.

In truth, this belief arose from a reality — from a necessity. The people felt that each day they were sinking lower and lower in the scale of nations, and that they required some one to save them. It was reported, perhaps not without foundation, that their gallant young sovereign, on whom their fondest affections were set, had escaped the slaughter of his army. ‘Then he will surely return!’ they exclaimed; ‘he will restore our nation to greatness.’ This was their fondest hope, their cherished wish, till it grew into a faith. Though years passed by, and

⁶³ “Traits and Traditions of the North of Portugal”, *op. cit.*, Vol. I, Sketch XVII, pp. 320, 321-322.

he came not, still they believed he would ultimately come.[...] This their fathers believed, and taught their children — those children believed it, for the necessity still existed — they felt that they required a great man. I scarcely know why all their descendants do not profess the same creed, for surely such an one has not yet appeared.”⁶⁴

No trecho que em seguida passamos a citar, é notória a consciência de que a figura mítica em questão sofrera até ao século XIX sucessivas actualizações, adquirindo em cada época histórica um sentido específico. A leitura desta passagem da narrativa permite inclusivamente depreender que o autor estaria consciente do relevante papel que o mito sebastianista desempenhara ao longo das sucessivas crises que marcaram a primeira metade do século passado e da importância de que se continuava a revestir em plena década de 40:

“Years ago one third of the nation were of this belief. they have, as was to be expected, gradually decreased in numbers, but those who still hold to it are as firm in their faith as their predecessors. It is said that there was an ancient prophecy that many events were first to take place, and which it appears their fathers overlooked. First there was to be a severe and cruel despotism; then a civil war and bloodshed, plague, famine, and pestilence; then a hero, but inferior to Don Sebastian; afterwards a queen should rule the land; and then the illustrious hero, the regenerator of his country, should appear! Most of these events have already occurred, they say — the greatest of all — the final one, only has to be accomplished. At one time not a class of the social body was without numerous believers in this creed: it warred against no other — it contradicted no article of their religious faith; but it became incorporated into it — part and parcel of it. It weakened not their allegiance to the reigning powers, for of course they would gladly yield to their heaven-directed sovereign. Prelates, priests, judges, soldiers, sailors, lawyers, merchants and husbandmen — the highest, the lowest — were to be found among the number of the faithful.

⁶⁴ *Ibidem*, Vol. I, Sketch XVII, pp. 320-321.

I never met any of those Sebastianites; I should also like to know what sort of men they are — honest, good men, I doubt not; thinking also, though credulous who felt that there was something rotten in the state which required amendment, and who piously prayed for some one to perform the office, knowing that they were themselves unfitted for the work.”⁶⁵

Merecedora de particular destaque, pela sua singularidade, é finalmente a forma como Kingston remata este passo do seu discurso, quando declara peremptoriamente sentir-se, até certo ponto, identificado com a tradição sebastianista, desejando que a nação portuguesa, após vários séculos de decadência e estagnação, encontre finalmente o líder forte e carismático capaz de restaurar a prosperidade e a grandeza outrora alcançadas:

“I must confess myself almost a Sebastianite — I look for some one to save Portugal, for she requires such aid.”⁶⁶

Repare-se como para Kingston o mito sebastianista se reveste de um claro sentido messiânico, perspectiva que se encontra, não só, em perfeita consonância com a concepção providencialista da História revelada por boa parte da intelectualidade britânica do período Vitoriano, como poderá, até certo ponto, reflectir alguma influência da própria historiografia portuguesa do Romantismo, a que aludimos em parágrafos anteriores, nomeadamente à concepção herculiana da História de Portugal.

Procurámos, deste modo, reforçar a hipótese anteriormente colocada de uma significativa permeabilidade deste grupo de ingleses (entre os quais se incluía obviamente o próprio Kingston) às tendências gerais da cultura e da literatura portuguesas na primeira metade de Oitocentos. A insistência no tratamento literário de determinados temas caros ao nosso Ultra-Romantismo parecia sugerir, como vimos, uma forte influência das nossas letras entre os colaboradores de *The Lusitanian*, patenteada, sobretudo, na abordagem de alguns dos seus grandes mitos, mas igualmente na adopção mais ou menos consciente de alguns dos seus modelos.

⁶⁵ *Ibidem*, pp. 322-323.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 323.

Ao emprendermos a análise do conto “An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal” decidimos por isso confrontar esta narrativa com a generalidade dos textos de temática sebástica publicados em Portugal ao longo da década de 30 e até 1845. Procedemos então à leitura exaustiva destas obras, entre as quais se contava o romance-poema anónimo, atribuído a António Augusto Correia de Lacerda, *D. Sebastião, O Encoberto*, datado de 1839⁶⁷, trabalho literário que se destacava entre os demais pelas suas notáveis semelhanças com o conto de Kingston.

Numa tentativa de apreciação sumária desta obra, poderemos afirmar tratar-se de uma narrativa ficcional em forma poética, um tipo de composição híbrida que revela, em simultâneo, semelhanças com a Balada e a Epopeia (repare-se, nomeadamente, na divisão interna do texto em cinco cantos). Somos, assim, confrontados com um exemplar bem característico da literatura romântica, resultado de um esbatimento das fronteiras (até aí estanques) entre os diferentes géneros, conducente à sua fusão e ao subsequente surgimento de múltiplas variantes, fruto de um tipo de actividade literária experimental.

⁶⁷ Lisboa, Tipografia de J. F. Sampaio, 1839.

A propósito da autoria deste trabalho literário será imprescindível efectuar algumas observações prévias, que se nos afiguram de todo pertinentes.

Do romance-poema *D. Sebastião, O Encoberto* saíram no ano de 1839 duas tiragens diferentes, ambas anónimas, mas absolutamente idênticas, excepção feita à lista de assinantes aposta no final do texto, ainda incompleta na primeira e actualizada na seguinte. Do texto em questão existem na Biblioteca Nacional de Lisboa três exemplares — um da primeira tiragem (cota: L. 3463 P./ F. 7577) e dois da segunda (respectivamente L. 24947 P./ F. 7582, que, de acordo com a informação contida no catálogo daquela instituição, terá pertencido a Pedro de Moura e Sá, e L. 45273 P.). No verso do frontispício destas duas últimas cotas foi registado em manuscrito o nome do presumível autor, atribuindo-se em ambos os casos a composição a António Augusto Correia de Lacerda:

a) L. 24947 P. — “Por Ant. Augusto Correa de Lacerda”

b) L. 45273 P. — “Autor: Antonio Augusto Correa de Lacerda.”

Baseados com alguma probabilidade na informação contida nas cópias supracitadas, tanto Inocêncio Francisco da Silva, em *Dicionário Bibliográfico Português*, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858, p. 91, como Martinho da Fonseca, em *Subsídios Para um Dicionário de Pseudónimos, Iniciais e Obras Anónimas de Escritores Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional 1896, p. 267, decidem atribuir, sem qualquer hesitação àquele autor o referido romance-poema.

A respeito desta obra haverá ainda a acrescentar que, no preciso ano em que foi publicada, saiu no periódico *Revista Literária*, Tomo IV, 2.º Ano, n.º 19, Porto, Tipografia Comercial Portuense, 1839, pp. 39-60, uma longa recensão crítica sobre a mesma, onde, a par de algumas observações menos favoráveis aos talentos literários e a determinadas liberdades estilísticas de Correia de Lacerda, se efectua uma apreciação globalmente elogiosa do seu trabalho poético. Este artigo nada adianta, porém, acerca da autoria do texto, não aventando a tal propósito qualquer hipótese.

Assás curiosa acaba por ser a forma como Correia de Lacerda procura, no “Discurso Preliminar” que antecede *D. Sebastião, O Encoberto*, caracterizar esta composição, situando-a a meio caminho entre o clássico e o romântico, sendo notória a dificuldade experimentada pelo autor em enquadrar o seu texto entre os diferentes géneros literários, nomeadamente ao tentar explicar o que entende por “romance-poema”, por sentir haver algo de verdadeiramente inovador no seu trabalho literário:

“Tão indeterminadas são as raias do chamado — *romântico*; tanto abuzo se tem feito d’esta palavra, e do que ella exprime, que é bem fácil a qualquer adaptal-a ao sujeito, que tracta; mas por isso mesmo bem difficil empregal-a com propriedade. — Não é este um *poema classico*; a falta de alguma das *unidades*, as digressões extensas, e um certo vago contemplativo, e apaixonado, o excluem da comunhão classica. — Para romântico é muito historico, e appresenta muitas feições classicas; tâes são as descripções dos combates etc. de maneira que, similhante ao *Drama* (na acepção restricta do termo) o qual toma na *Tragedia* e na *Comedia*, pôde dizer-se, que esta producção está entre o *classico*, e o *romântico*. Não lhe chamei simplesmente Poema; porque este titulo persi, dá a entender, que é um poema *classico*. — Não lhe chamei *Poema-Romântico*, porque tal o não reputo rigorosamente. — Não o intitulei *Romance-Poetico* por ter pouca analogia com as producções, a que *Sir W. Scott* deu esse titulo. — Finalmente dei-lhe o de *Romance-Poema* na falta de outro melhor.”⁶⁸

Uma leitura cuidada de ambos os textos e um exaustivo esforço comparativista levar-nos-iam então a concluir que, muito mais que meras similitudes, o dito romance-poema havia sido a principal fonte de inspiração escolhida por Kingston na elaboração do seu próprio texto.

Aquilo que o nosso autor produz é, na verdade, uma autêntica imitação do original português, cujo argumento resume e adapta, num processo que hoje em dia classificariamos, sem qualquer dúvida, de mero plágio. De facto, Kingston não se limita a colher inspiração no texto *D. Sebastião, O Encoberto*, nem

⁶⁸ *Op. cit.*, pp. II-IV.

simplesmente a imitar. Aquilo que o autor obviamente faz é parafrasear em larga medida um original português, depurando-o de alguns pormenores que esteticamente menos lhe agradavam, nomeadamente a forte componente gótica, tendo igualmente alterado os nomes das personagens e o desfecho da narrativa, aproximando-a muito mais da tradição inglesa na abordagem da figura do rei português⁶⁹. Assim, muito embora D. Sebastião sobreviva após a batalha em ambos os textos, enquanto no romance-poema português o monarca morre no final, esgotado e ferido mortalmente no combate aos seus oponentes, no texto de Kingston o rei resiste e sobrevive, conquanto solitário e desgostado, por haver perdido de uma só vez todos aqueles que amava, decidindo por isso partir para local indeterminado, embrenhando-se na vastidão do deserto africano.

Salvaguardadas as respectivas diferenças, os paralelos entre as duas narrativas são por demais evidentes. Começando pela própria estrutura dos textos, verificamos que, à imagem do romance-poema português, dividido em cinco cantos, o conto de Kingston se encontra de igual modo estruturado em cinco partes. O curso da acção e a sua respectiva evolução denotam igualmente um óbvio paralelismo, ao qual aludiremos mais adiante.

O espaço escolhido como cenário é praticamente o mesmo em ambas as narrativas, decorrendo quase toda a acção no interior da habitação dos novos protectores e adjuvantes do rei português. Também no âmbito temporal se registam notórias coincidências, sendo traço comum aos dois textos a preferência pelo período subsequente à refrega e nomeadamente pelos dias seguintes, que irão marcar o destino do jovem monarca.

As maiores semelhanças entre as narrativas em estudo registam-se, todavia, ao nível das personagens, verificando-se existir

⁶⁹ Importa, a tal propósito, aludir à notória semelhança patente entre os textos de Dryden e Kingston sobre D. Sebastião. Em ambos os casos os autores imitaram obras preexistentes, tendo pretendido iludir o leitor menos atento e informado através de uma substituição dos nomes das personagens.

Aquilo que Kingston faz em "An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal" é, como vimos, seguir, a par e passo, o argumento do romance-poema *D. Sebastião, O Encoberto*, de António Augusto Correia de Lacerda, alterando os nomes das personagens, no intuito de tornar a semelhança entre os dois textos menos óbvia. Contudo, sabemos que tal táctica havia já sido adoptada pelo dramaturgo britânico John Dryden, na *Época da Restauração*, ao proceder, na tragédia *D. Sebastian, King of Portugal* (Londres, 1690), à imitação do romance anónimo original francês *Dom Sebastian, Roy de Portugal: nouvelle historique* (Paris, 1679), obra traduzida em 1683, para língua inglesa por Ferrand Spence (cf. *supra*, notas 39 e 40). Veja-se a tal propósito o trabalho de Maria Teresa Pinto Coelho, "John Dryden: D. Sebastião, Herói Clássico", in *D. Sebastião na Literatura Inglesa*, pp. 147-190.

uma quase perfeita correspondência entre os protagonistas do romance-poema e as figuras do texto de Kingston. O romancista inglês mantém para cada uma das figuras o mesmo tipo de caracterização efectuado no original português, registando-se um quase perfeito paralelismo, quer ao nível da sua descrição quer no modo como evoluem ao longo dos dois textos ficcionais. Exceptuando o caso particular do herói, D. Sebastião, o desfecho de todos eles é em ambos o mesmo — a morte.

A mais significativa discrepância entre as duas narrativas reside precisamente na sua dimensão. Assim, enquanto o romance-poema é um texto consideravelmente longo e, nalgumas passagens, algo retórico e arrastado, o conto de Kingston acaba, em boa medida, por constituir, uma versão resumida da narrativa portuguesa. O autor britânico demonstra neste caso um invulgar poder de síntese, ao conseguir condensar a totalidade dos episódios e das etapas incluídas na narrativa de Correia de Lacerda em apenas 18 páginas, alcançando algum sucesso na sua tentativa de transposição do trecho do romance para o género mais curto que é o conto e que naturalmente exige do escritor uma excepcional concisão.

Outro aspecto em que as obras claramente diferem diz respeito às respectivas orientações estéticas. Na verdade, não obstante o fundo histórico do texto português, nele detectamos traços, que, sem dúvida, evidenciam uma maior proximidade de géneros como a balada e o romance góticos, dada a abundância de elementos terríficos, sobrenaturais ou fantásticos, patenteada sobretudo na descrição da paisagem agreste e selvagem das montanhas do Atlas, na obsessiva presença da morte e no carácter violento do destino das personagens, mas igualmente nas abundantes referências à actividade onírica do monarca, nomeadamente aos sonhos premonitórios, carregados de aparições fantasmagóricas.

Duas passagens que nos parecem constituir a este título casos verdadeiramente paradigmáticos são, respectivamente (a) a descrição do percurso do mouro Ali pelo coração do maciço do Atlas (com particular destaque para a caracterização da paisagem que o circunda, conforme se vai aproximando do seu destino — a horrível e misteriosa gruta habitada pelo seu pai, o feiticeiro ou Renegado do Atlas) bem como a conclusão do próprio romance (b), em que o narrador, dando voz à superstição popular, introduz no texto o elemento sobrenatural, sugerindo, de acordo com o testemunho de camponeses árabes, que embora D. Sebas-

tião tivesse morrido, o seu espírito continuava a deambular sem repouso pelo fatídico local onde tombara. Passamos, por esse motivo, a citá-las:

a) Canto II, Estrofes IX e X.

Bastas horas sem fôlego voando
Pelo cançado plaino o Cavalleiro,
Alfim por curtas sêndas descortina
A ossada do Athlas, que se estende, e avulta;
Como nuvem phantastica d'outono,
Que multi-moda, e vasta se incastella
No horisonte, e a quem fogos derradeiros
Do sol tingem de côres suavissimas.
Era cerca do ocaso: — a rédea toda
Sólta ao nobre Ginete o Sarracêno;
E da noite ao cerrar ás abas chêga
Dessa suberba magestosa sérra,
A quem um rei astrólogo deu nome.
Desde os altivos pincaros á baze
Ondêa o vênto na implumada veste
De teixos, e florésta vêrde-negra;
E ao rez uma choupana bruxulêa:
Antes gruta cavada n'agra roca
Per philosopho, ou pio anachorêta.
— Approxima-se o moiro, e em vez do crébro
Ladrar de vigilante alão amigo,
Dispartiam da sélva atros rugídos
Das crúas alimarias que o povôam.
— Deixa o corcél, e a ténue impulso a porta
Da cavérna se abriu misteriosa.”

“Outro, que não Ali retrocedêra
Á scena que a seus olhos se devolve;
É-lhe familiar ao moiro: — entrou!...
— Vermêlhas labarêdas desenrolam-se
D'ampla fornalha, crepitando em ondas;
E ante ella um vulto humano se agiganta!
Devoto adorador do fogo o crêreis,
Tão recolhido está! — mas vêde-o attento:
Que te dirão seu rosto vêrde-pálido,
As rugas afumeádas, olho extincto?
Bruxo, que philtros urde, e se recrea

Em conversas nocturnas co'os demónios!
Tal o parece: não errareis muito.”⁷⁰

b) Canto V, Estrofe XVII.

“Tudo é socêgo funebre, e sombrio!
Aves fugiram spavoridas todas!
E os sicomóros quêdos, qual si foram
Desenhados no éther, se revêstem
De rubescente côr, que a flama ondeia!...
— Mas, revolutos dias, gente placida
Das campinas a Fez léva, que viram
Destroços nesse prado, onde branqueára
Mansão — piedoso timbre hospitaleiro!
E que figura estranha, lampêjando
Loucura, e desvario ante elles fôra
Tão veloz, que préal'a era impossivel!...
— Annos alem quando nas fustes raras,
E pedras estalladas ja pendia
Verde enrediça, e os goivos odoravam;
Té ás praias dêsde o Athlas corrêra,
Que, bastas vezes com assômbro, e mêdo
A espreitaram vaguear pelas ruínas!
E alguem, que o vira no solar paterno,
Affirmou ser o rei dos portuguezes!...
— Esta voz, que vôou á patria, esp'ranças,
Saudosos amor, desejos, lealdade
Em seita numerosa a converteram:
E na cinérea bruma, ha inda agôra
Quem, afferando as vistas anhelantes,
Espére, como a heróe da Caledonia,
Vêr-lhe surgir do nebuloso alcaçar
A egregia magestade, apregoando:
— Sou DOM SEBASTIÃO O ENCOBERTO!...⁷¹

Por seu turno, o texto de Kingston encontra-se, como já dissemos, depurado de toda esta carga, afastando-se por completo da tradição gótica. Tão significativa divergência encontra, porém, uma óbvia explicação no manifesto desfaseamento cronológico entre os dois movimentos românticos — inglês e português

⁷⁰ Antônio Augusto Correia de Lacerda, *op. cit.*, pp. 54-56.

⁷¹ *Ibidem*, pp. 161-162.

— patente no atraso estético em que se encontrava ainda mergulhado o nosso universo literário. Assim, enquanto em Portugal a ficção gótica (e, de um modo geral, a literatura negra e de terror) atingem nas décadas de 30 e 40 e, sobretudo, com o Ultra-Romantismo, o auge do seu desenvolvimento ⁷², na Grã-Bretanha este género narrativo, embora tendo sobrevivido e evoluído para outras formas, havia há muito ultrapassado o seu momento áureo, estando longe de despertar o interesse e o furor alcançados durante o Pré-Romantismo e a fase inicial do período romântico.

Kingston, como veremos, evita tais tendências, não seguindo, neste particular aspecto, os modelos literários portugueses, preferindo, nomeadamente, explorar o drama interior do monarca, dilacerado pelo remorso e obrigado a suportar o peso de uma derrota que comprometia o futuro do seu próprio país, cuja independência se encontrava agora gravemente ameaçada:

“When he recovered his senses, he was alone — all his gallant friends were slain, or captive, and the infidel foe was far away pursuing with unabated ferocity the miserable relics of the christian host. Slowly he rose from the earth, and with feelings of bitter regret saw near him the body of his faithful friend and counsellor, the conde de Vimioso, who had throughout been opposed to the expedition, and even in Arzilla had made a last vain effort to turn Don Sebastian from his determination of marching by land to Larache, yet had nevertheless followed his young king to the field, and together with his gallant son, had been slain in his defence. [...] As he gazed around, his looks rested more than once on the body of some well known follower, and he cursed the future which had preserved his life, when so many had perished through his fault. [...]

Sometimes he would form plans for returning to Portugal — again calling his faithful vassals around him — and once more landing in Africa with a Force that nothing could oppose, to take vengeance for his defeat; but in the midst of these proud hopes, the fatal plains of Alcacer-Quibir, drenched in the blood of his noblest, and

⁷² V. Maria Leonor Machado de Sousa, *A Literatura Negra ou de Terror em Portugal* (séculos XVIII e XIX), pp. 195-281.

bravest subjects would rush across his sight! Such of his peers who had escaped the slaughter, were captives — and even should he succeed in reaching his own dominions in safety, where could he now find the means of again equipping such a gallant army as that which he had already so vainly led? — When these sad recollections crossed his mind, the proud monarch would resolve never to return to his kingdom, on which his rashness had brought such ruin; but to finish his days in some cloister, where under another name, the unfortunate Don Sebastian might live, forgetting, and forgotten by the world.”⁷³

D. Sebastião surge aqui retratado como o jovem inexperiente, mal aconselhado, aventureiro e insensato, que conduz a sua pátria ao desastre, sendo por isso forçado a experimentar o sentimento de culpa que a tomada de consciência de tal facto acarreta e a expiar a pena ou o castigo sem remissão, que consequentemente o destino lhe impõe. Na verdade, ao lançar-se numa arriscada e mal planeada expedição militar, o jovem rei estava, de facto, a pôr em risco a segurança e a integridade do seu país, que se deveria ter, acima de tudo, preocupado em defender e proteger. Por via da sua actuação, o monarca português virá implicitamente a cometer um crime contra o seu povo, subvertendo a ordem natural e desafiando como tal a própria divindade, de quem dimanava o seu poder enquanto rei absoluto.

O castigo de D. Sebastião será afinal regressar *ad infinitum* ao ponto de partida, à situação em que se encontrava após o desfecho da batalha — só, abandonado e rodeado pelos cadáveres dos seus companheiros de armas, conduzindo repetida mas involuntariamente à destruição todos aqueles que o apoiam, veneram e amam. A personagem apercebe-se, de facto, de que será esse o seu trágico destino — trazer ciclicamente a morte a todos os seus adjuvantes, àqueles que dele se aproximam, procurando resgatá-lo. Exausto e desenganado, mas lúcido, decide, num derradeiro gesto, abandonar por completo a civilização e a companhia dos homens, preferindo morrer para o mundo e viver uma vida de eremita no imenso deserto africano, temendo obviamente tornar-se o causador da repetida destruição de outras vidas humanas. O monarca acaba, deste modo, por escolher algo

⁷³ C. [William Henry Giles Kingston], “An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal”, *op. cit.*, n.º 3, Jan. 1845, pp. 34, 39-40.

de semelhante à “morte em vida”, preferindo-a ao cruel destino que presente estar-lhe reservado. Veja-se a tal propósito a seguinte passagem da narrativa, que nos parece, de algum modo, dar justificação à nossa leitura do texto:

“As the grasp of his foe was relaxed by death, Don Sebastian arose and cast his eyes on the scene around him — but alas nothing but corpses met his view. — With desperate energy one by one he raised the bodies of the friends who had fallen to protect him. — It seemed as if his doom was to bring destruction on all that loved him. Maddened by his misfortunes he rushed away from the fatal cottage into the desert, and from that time forth his fate is a mystery.”⁷⁴

Embora tal facto seja simplesmente sugerido, não estando de todo claramente expresso no texto, o carácter cíclico do destino da personagem, associado ao seu rumo errático e incerto (que de algum modo recorda uma personagem literária como o “Ancient Mariner” de Coleridge ou o destino de uma figura mítica como Ashaverus, o Judeu Errante), poderá ser obviamente intuído pelo leitor, nomeadamente tendo em conta a própria estrutura circular da narrativa, em que o herói termina o seu percurso tal como o havia iniciado.

É igualmente possível que a associação do motivo da errância à figura de D. Sebastião, que obviamente ressalta da leitura do texto em análise, não tenha ocorrido de forma acidental ou fortuita a Kingston. A insistência do autor no carácter errático da personagem poderá hipoteticamente revestir-se de um significado pessoal ou autobiográfico, para um autor dividido entre duas nações (Portugal e a Grã-Bretanha) e dois universos culturais distintos e que foi, por opção, durante boa parte da sua vida, um “ser errante” e literalmente um “eterno” viajante. Assim, é provável que esta sua condição nele gerasse momentos de profunda introspecção e angústia e que, em determinadas fases da sua existência, Kingston tenha efectivamente desejado encontrar um porto de abrigo, onde se pudesse fixar. O sentimento temporário de ausência de um rumo definido ou de um local de residência permanente acabaria, deste modo, por se reflectir na forma como o nosso autor delinea o perfil do monarca português e, sobretudo, no próprio desfecho incerto ou indeterminado que para ele

⁷⁴ *Ibidem*, n.º 3, Jan. 1844, pp. 46-47.

engendra em "An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal".

Na sequência desta breve tentativa de análise do romance-poema de António Augusto Correia de Lacerda, texto representativo da visão ultra-romântica do mito sebastianista, e da imitação que dele pretendeu efectuar W. H. G. Kingston, no conto publicado em *The Lusitanian*, procuraremos, através do quadro-síntese em anexo, evidenciar as alegadas semelhanças entre as duas narrativas, atribuindo especial destaque às significativas analogias patenteadas pelas respectivas personagens (designadamente através de um esboço dos seus perfis). Com ele daremos igualmente por terminado o nosso estudo.

<p>A</p> <p>António Augusto Correia de Lacerda, <i>D. Sebastião o Encoberto, Romance-Poema</i>, Lisboa, 1839</p>	<p>B</p> <p>C. [W. H. G. Kingston], «An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal», in <i>The Lusitanian</i>, n.º 3, Dez. 1844, pp. 33-47</p>
<p>As Personagens - sua listagem e descrição sumária</p>	<p>As Personagens - sua listagem e descrição sumária</p>
<p>D. Sebastião, Rei de Portugal</p> <p>Sobrevive após a Batalha de Alcácer-Quibir. Recolhido quando deambulava ferido no local da refrega, entre destroços e cadáveres, por Selim, a quem salvara a vida. Morre vítima de ferimentos e exaustão no final da narrativa. O seu fantasma irá para sempre assombrar o local onde falecera. Acaba involuntariamente por causar a morte dos seus três adjuvantes: Ismael, Selim e Zilla.</p>	<p>D. Sebastian, King of Portugal</p> <p>Sobrevive após a Batalha de Alcácer, recolhido por entre cadáveres e despojos pelo servo árabe, Abdallah, a quem salvara a vida no curso da refrega. Sobrevive no final, embora volte a ficar totalmente só, tal como se encontrava no início da narrativa quando todos os seus adjuvantes (Cidi-Hamet, Abdallah e Xarifa) morreram em sua defesa.</p>
<p>Selim</p> <p>Filho do nobre Ismael e irmão de Zilla. Jovem aristocrata marroquino, que fora salvo no curso da Batalha por D. Sebastião e decide, como prova de gratidão, recolher o monarca no campo de batalha, levando-o consigo para casa de seu pai. Morre no final em defesa da família e do rei português, lutando contra o traidor Ali, seu primo e companheiro de armas.</p>	<p>Abdallah</p> <p>Servo mouro de D. Sebastião, mas de origem nobre. Filho de Cidi-Hamet, irmão de Xarifa e primo de Ismael. Salvo na Batalha de Alcácer por D. Sebastião, virá a recolher o monarca, quando este deambulava só e ferido no local da refrega, conduzindo-o a casa dos seus familiares, onde será recebido com a maior hospitalidade. Morre no final do conto, ao procurar defender o rei português e os seus parentes do agressor Ismael e seus adjuvantes.</p>
<p>Ismael</p> <p>Um nobre árabe, pai de Zilla e de Selim e protector de Ali, seu sobrinho. Membro da aristocracia, antigo ministro do Xerife e seu grão-vaivado. Gozava de grande crédito junto do monarca marroquino. A lei da hospitalidade leva-o a acolher com respeito e carinho o rei português, por quem lutará até morte, procurando defendê-lo dos seus perseguidores.</p>	<p>Cidi-Hamet</p> <p>Pai de Abdallah e Xarifa e tio de Ismael. Figura cimeira da aristocracia marroquina, havia sido durante largo tempo o favorito de Muley-Moloch. A lei da hospitalidade obriga-o a recolher em sua casa o rei D. Sebastião, em cuja defesa acabará por sucumbir.</p>
<p>Zilla</p> <p>Filha de Ismael e irmã de Selim. Embora estivesse noiva do seu primo Ali, acaba, contudo, por se apaixonar pelo jovem rei português, que tratará com o maior desvelo, rodeando-o de cuidados e atenções. A sua paixão pelo rei português ser-lhe-á fatal, pois despertará a ira de Ali. Morre, ao procurar defender o pai, interpondo-se com o seu corpo entre Ismael e o seu agressor (um dos satélites de Ali).</p>	<p>Xarifa</p> <p>Irmã de Abdallah e filha de Cidi-Hamet e de uma cativa cristã. Noiva de Ismael, seu primo, acabará, contudo, por se enamorar de D. Sebastião, despertando a ira e o ciúme do seu prometido, que a conduzirá involuntariamente a morte. A sua paixão pelo rei português ser-lhe-á fatal. Morre, ao procurar proteger com o seu corpo o irmão, no preciso momento em que este era agredido por um dos companheiros de Ali.</p>
<p>Ali</p> <p>Sobrinho de Ismael, noivo de Zilla e companheiro de armas de Selim. É o guerreiro árabe, feroz e violento, e seguidor fanático da religião islâmica. É filho de Zara, irmã de Ismael e do renegado português (o Renegado do Atlas). Personagem traiçoeira e sombria, dilacerada pelo ciúme causado pela natural aproximação entre D. Sebastião e Zilla, denunciará as autoridades do rei português. Ao procurar capturá-la com o apoio de um grupo de amigos, virá a causar a morte de todos os seus familiares, acabando por morrer às mãos do monarca lusitano. É o oponente de D. Sebastião e um joguete habilmente manipulado pelo Renegado do Atlas.</p>	<p>Ismael</p> <p>Sobrinho de Cidi-Hamet e noivo da sua prima, a jovem Xarifa. É o companheiro de armas de Abdallah. De carácter violento e impenoso, é um seguidor fanático do Islamismo. O ciúme leva-o a trair a sagrada regra da hospitalidade, a denunciar D. Sebastião e a rebelar-se contra os seus familiares, de cuja morte será o único responsável. Ao procurar capturar D. Sebastião, coadjuvado pelos seus sequazes, irá desencadear um trágico processo que culminará na morte de todos os seus familiares e na sua própria destruição às mãos do rei português.</p>
<p>Os companheiros e adjuvantes de Ali</p>	<p>Os companheiros de Ismael, seus sequazes</p>
<p>O Renegado do Atlas</p> <p>Traidor português, que há muito havia abandonado o seu país, onde cometera um crime de sangue, assassinando a noiva e um cavaleiro por quem esta o deixara. Acollido na corte de Marrocos com todas as honras e a maior hospitalidade, acabará por se converter ao Islamismo, abjurando a fé cristã. Enamora-se de Zara, irmã de Ismael, de quem terá o filho Ali, mas a quem causará deliberadamente os maiores desgostos, provocando a sua morte prematura. É adjuvante de Ali, que rapidamente se transformará no instrumento da sua vingança contra os portugueses. Enlouquecido pela morte do filho e pelo falhanço dos seus diabólicos projectos acabará por suicidar-se. É a personagem que mais aproxima a narrativa do gótico, pelo seu convívio com as forças do além e as entidades demoníacas.</p>	<p>O Derviche</p> <p>Personagem meramente secundária e de pouco relevo na evolução da própria narrativa. Ismael encontra-o na estrada entre Fez e Velez Gomer. Trata-se de um monge muçulmano que o informa da morte de Muley-Moloch, das celebrações realizadas em Fez em honra do seu sucessor e da gloriosa vitória alcançada pelos marroquinos na Batalha de Alcácer-Quibir. Conta ainda a Ismael que o novo monarca oferecia uma vultuosa recompensa que ele lhe entregasse com vida o rei português, que, de acordo com várias testemunhas, sobrevivera à batalha.</p>

BIBLIOGRAFIA SELECTIVA

a) Activa

C.[KINGSTON, William Henry Giles], "An Episode in the Life of Don Sebastian of Portugal", in *The Lusitanian*, Porto, Tipografia da Revista, n.º 3, Jan. 1845, pp. 33-47.

_____, *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, 2 vols., London, John W. Parker, 1845.

LACERDA, António Augusto Correia de, *D. Sebastião, O Encoberto, Romance-Poema*, Lisboa, Tip. J. S. Sampaio, 1839.

b) Passiva

ALBUQUERQUE, Martim de, *O Valor Politológico do Sebastianismo*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

AZEVEDO, J. Lúcio de, *A Evolução do Sebastianismo*, Lisboa, Livraria Clássica, Editora de A. M. Teixeira, 1918.

_____, *O Messianismo na História de Portugal*, Porto, "Estudos Peninsulares", Editorial Cultura, s.d..

BESSELAAR, José Van De, *O Sebastianismo — História Sumária*, Lisboa, "Biblioteca Breve", n.º 110, ICLP/Ministério da Educação e Cultura, 1987.

BRUNO, Sampaio, *O Encoberto*, Porto, Livraria Moreira, Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, 1904.

EMILIANO, Maria da Conceição Albuquerque, *William Henry Giles Kingston, Percursos Lusitanos*, dissertação de Mestrado inédita, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, U.N.L., 1988.

KINGSFORD, Maurice Rooke, *The Life, Work and Influence of William Henry Giles Kingston*, Toronto, Ryerson Press, 1947.

MACHADO, Álvaro Manuel, *Les Romantismes au Portugal, Modèles Étrangers et Orientations Nationales*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986.

MARTINS, Oliveira, *Portugal Contemporâneo*, 9.ª ed., 2 vols., Lisboa, Guimarães Editores, 1986.

PIRES, António Machado, *D. Sebastião e o Encoberto*, 2.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

QUADROS, António, *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista, O Sebastianismo em Portugal e no Brasil*, 2 vols., Lisboa, Guimarães e C.ª Editores, 1982-1983.

SILVA, João Paulo Ascenso Pereira da Silva, *Temas, Mitos e Imagens de Portugal numa Revista Inglesa do Porto: 'The Lusitanian' (1844-1845)*,

dissertação de Doutoramento inédita, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, U.N.L., 1998.

SILVA, Miguel Nuno de Alarcão e, *Edward Quillinan e Portugal*, dissertação de Mestrado inédita, Lisboa, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, U.N.L., 1986.

SOUSA, Maria Leonor Machado de, *A Literatura 'Negra' ou de Terror em Portugal (séculos XVIII e XIX)*, Lisboa, Editorial Novaera, 1978.

_____, *D. Sebastião na Literatura Inglesa*, Lisboa, ICLP/Ministério da Educação, 1985.

_____, *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa*, Lisboa, "Universidade", n.º 18, Editorial Vega, s.d..

_____, *Mito e Criação Literária*, Lisboa, "Colecção Horizonte", n.º 46, Livros Horizonte, 1985.

TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Maria Amado; CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal, Séculos XIX e XX*, Vol. I (*A História Através da História*), Lisboa, Temas e Debates, 1998.